

Um fantasma chamado Perón. Imprensa e imaginário político no Brasil (1951-1955)

RODOLPHO GAUTHIER CARDOSO DOS SANTOS¹

I) Introdução

“Quien gobierna al Brasil? En estos momentos gobierna el Brasil, en múltiples aspectos, la prensa”. (ALMEIDA, 2005, p. 80) A frase é do embaixador argentino no Brasil, Juan Isaac Cooke, em um informe reservado de 1953. Naquele momento, o diplomata estava surpreso com a influência dos jornais locais. No mesmo documento, criticou:

Ser proprietário de um jornal nesse país significa tanto como ser “gângster” e ter nas mãos uma metralhadora Thompson para se impor aos pacíficos e desarmados cidadãos na oportunidade de um assalto. Mas o mais grave é que o “gângster” jornalístico no Brasil se impõe não somente ao cidadão, senão ao governante mais poderoso. (ALMEIDA, 2005, p. 82)

Essa força da imprensa brasileira era recente. Somente com o fim do Estado Novo (1937-1945) os meios de comunicação voltaram a participar ativamente da vida política nacional. Durante o governo Dutra (1946-1951), os jornais discutiram todos os processos políticos importantes, como a nova constituição, o fechamento do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o alinhamento diplomático com os Estados Unidos. Quando Getúlio Vargas ocupou novamente a cadeira presidencial (1951-1954), o periodismo passou a refletir a divisão política existente no país. As acirradas lutas entre conservadores, ligados a UDN (União Democrática Nacional), e nacionalistas, mais próximos ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), foram travadas diariamente nas

¹ Doutorando em História na USP-SP, sob orientação da professora Dra. Maria Helena Rolim Capelato.

páginas dos principais jornais. Nessa época, eles foram especialmente decisivos em vários momentos políticos.

Enquanto a democracia brasileira buscava tropegamente se consolidar, a Argentina passava por uma experiência política autoritária, ainda que o Estado liberal de direito não tenha sido completamente abandonado. Em 1946, Juan Domingo Perón, ex-secretário do Trabalho e Previdência, foi eleito presidente do país. O governo rapidamente conquistou amplo apoio das classes trabalhadoras graças a medidas de caráter social e a uma poderosa propaganda oficialista. O período também foi marcado pelo fortalecimento do poder Executivo e pelas limitações das liberdades públicas, com a prisão de opositores e censura aos meios de comunicação. Essas e outras medidas fizeram com que Perón angariasse dura oposição dos grupos dominantes argentinos. (ROMERO, 2006: 91-124)

A animosidade em relação a Perón não tardou a ultrapassar as fronteiras nacionais. Em 1953, Juan Isaac Cooke e outros diplomatas argentinos no Brasil notaram que a maior parte da grande imprensa local tinha visão fortemente negativa em relação ao governo argentino. Os medos e a desconfiança eram resultado de várias representações políticas negativas promovidas principalmente por grupos conservadores e pela imprensa ligada a eles. A articulação sindical dos operários, por exemplo, era criticada como uma versão portenha de comunismo.

Os temores eram reforçados por algumas semelhanças entre o governo do presidente argentino e o de Getúlio Vargas, que tinha voltado ao poder democraticamente em 1951. Como Perón, Vargas buscou mobilizar as massas urbanas e atendeu algumas de suas reivindicações. Especialmente durante o Estado Novo, governara de maneira autoritária e criara um aparato de culto à sua personalidade, o que, de certa forma, o aproximava do vizinho do sul. (CAPELATO, 2008).

Ainda que nunca tenham se encontrado pessoalmente, Vargas e Perón eram vistos pelos grupos conservadores como políticos parecidos no que diz respeito à demagogia e à manipulação dos mais pobres. O termo populista ainda hoje é bastante utilizado para se referir a eles nesse sentido. No entanto, vários autores demonstraram que esse conceito pouco contribui para a compreensão das especificidades históricas de

cada um dos países.² Enquanto Vargas, por exemplo, manteve uma boa relação com os Estados Unidos por muito tempo, o mesmo não ocorreu com Perón.

Mesmo vivendo em um contexto político diferente, os grupos conservadores brasileiros viam Perón como um “fantasma argentino” (FERREIRA, 2005, p. 127) semelhante a Vargas. Em consequência, foram construídas diversas representações negativas a respeito do peronismo. Uma delas era a de uma suposta trama para criar o pacto ABC (Argentina, Brasil e Chile), que uniria os presidentes latino-americanos num bloco autoritário. De fato, desde que fora eleito Vargas mantinha contatos indiretos com Perón. O principal assunto era um grande acordo de cooperação econômica na região. Segundo Ana Luiza Setti Reckziegel, o presidente brasileiro buscava se aproximar dos vizinhos do sul para barganhar maior cooperação econômica dos Estados Unidos. No contexto da Guerra Fria, os norte-americanos eram contrários à formação de blocos regionais, pois acreditavam que eles atrapalhariam a luta contra o comunismo (RECKZIEGEL, 1996).

Em março de 1954, o ex-ministro das Relações Exteriores de Vargas, João Neves da Fontoura (1889-1963), denunciou aos jornais que Perón e o presidente brasileiro vinham mantendo contatos secretos a respeito do pacto ABC. A “revelação” reforçou o imaginário que há tempos vinha sendo construído. Políticos e jornalistas antivarguistas pareciam cada vez mais convencidos de que o verdadeiro objetivo da aproximação entre os dois líderes era estabelecer um bloco de “repúblicas sindicalistas” na América do Sul.

Nas semanas seguintes, a imprensa liberal liderou intensa campanha contra o que chamou de “peronização” do país (*idem*, 129-164). Com base na acusação de que Vargas estava fazendo articulações internacionais sem o consentimento do Congresso e do Itamaraty, a oposição enviou à Câmara dos Deputados um pedido de *impeachment* do presidente (CAVLAK, 2008, p. 182). Embora a requisição tenha sido derrotada em junho de 1954, a campanha da imprensa conservadora prejudicou enormemente a já frágil sustentabilidade política de Vargas, que morreria dois meses depois.

Episódios como esse mostram bem como ações e representações políticas estiveram fortemente ligadas. De acordo com Maria Helena Capelato (2008, p. 33),

² A respeito, ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. *O populismo latino-americano em questão* In FERREIRA, Jorge (Org.) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 125-165.

o campo do imaginário é o campo do enfrentamento político no qual a luta de forças simbólicas provoca mudanças na sociedade. Como as imagens respondem aos conflitos sociais e às relações antagônicas, elas têm um peso muito grande nas práticas políticas de arregimentação: mobilizam ressentimentos, frustrações, medos e esperanças com intuítos persuasivos.

Outro exemplo emblemático de atuação do imaginário³ peronista na vida política brasileira foi o episódio conhecido como carta Brandi. Em setembro de 1955, Carlos Lacerda, dono do jornal carioca *Tribuna da Imprensa* e ligado a UDN (União Democrática Nacional), tentava a todo custo adiar as eleições presidenciais. O pleito ocorreria em três semanas e parecia claro que seu partido não se sairia muito bem. No dia 16 daquele mês, Lacerda publicou uma suposta carta do deputado peronista Antonio Brandi ao então candidato à vice-presidência pelo PTB, João Goulart. A carta discorria sobre o contrabando de armas argentinas para o Brasil e a formação de “brigadas de choque operárias” (MENDONÇA, 2002, p. 175-6).

A tentativa de relacionar João Goulart ao governo Perón não era inédita. Desde 1953 a imprensa liberal buscava associar o ministro brasileiro do Trabalho ao político argentino. As trajetórias dos dois líderes, afinal, tinham pontos em comum. Como Jango, Perón se fortalecera ao ocupar a Secretaria de Trabalho e Previdência. Enquanto esteve no poder, Jango foi acusado de organizar o movimento sindical e estimular greves. Sua crescente popularidade preocupava a UDN. Para esse partido, o político gaúcho estava usando os mesmo métodos de Perón para chegar ao poder. Em julho de 1953, Carlos Lacerda escreveu:

João Goulart tenta criar no Brasil uma nova CGT, do tipo Perón. Ele prepara um golpe peronista, no estilo boliviano. Não se trata do fechamento do Congresso como foi feito em 1937, e, sim, da sua dominação pela massa de manobra de um sindicalismo dirigido por “pelegos”, visando reformar a Constituição e estabelecer uma ditadura no país. (FERREIRA, 2001, p. 118)

³ Do ponto de vista metodológico, importantes trabalhos sobre imaginário político foram desenvolvidos por Raoul Girardet (1987) e Bronislaw Baczko (1985). Um estudo de caso brasileiro bastante relevante é o de Rodrigo Patto Motta (2002), a respeito do imaginário anticomunista no Brasil.

No entanto, pouco adiantaram a retórica de Lacerda e a polêmica em torno da suposta conspiração Jango-Perón. O ministro da Guerra, general Henrique Lott, não interveio. As eleições de 1955 aconteceram como previsto e Goulart foi eleito vice-presidente. Semanas depois, um Inquérito Policial Militar (IPM) revelou que a carta Brandi havia sido falsificada por dois argentinos antiperonistas e repassada a Lacerda.

É importante, porém, salientar que esse imaginário a respeito do peronismo nem sempre formava um conjunto coerente de representações. O líder argentino, por exemplo, ora era vinculado aos fascistas, ora aos comunistas. Também era acusado de armar secretamente a Argentina para uma guerra contra o Brasil, algo incompatível com o pacto ABC. O jornalista David Nasser, por exemplo, fomentou tal “denúncia”. Na revista *O Cruzeiro*, escreveu: “O governo argentino (...) prepara-se para uma aventura bélica, construindo apressadamente fábricas de aviões e de outras armas, estudando o preparo da bomba atômica e rasgando estradas estratégicas na fronteira do Brasil”.⁴

Além disso, é preciso lembrar que nem todos os meios de comunicação foram contrários à política de Perón. O quadro editorial era muito mais matizado do que se supõe. Recentemente, o historiador Mário Ângelo Brandão de Oliveira Miranda analisou a repercussão da queda de Perón em dois jornais brasileiros de tendências opostas: *Última Hora*, ligada ao varguismo, e o já citado *Tribuna da Imprensa* (MIRANDA, 2009). Seu estudo deixa evidente que existiam representações políticas opostas sobre o peronismo. Enquanto *Última Hora* chamou o movimento para derrubar Perón de “terrorismo” e “sublevação”, a *Tribuna da Imprensa* saudou-o como “revolucionário”.

Pesquisas como essa são importantes porque mostram que não existiam apenas meios de comunicação contrários ao peronismo. Havia também aqueles que eram francamente a favor do governo argentino, como os diários cariocas *O Mundo* e *Última Hora*. Embora em menor número, tais jornais compunham um cenário marcado pela multiplicidade de posições políticas.

Essa pluralidade era reforçada pela própria competitividade existente no mercado da época. O jornalismo dos anos 1950 era uma aventura possível a um número maior de empresários, pois não requeria investimento tão elevado em máquinas e mão-de-obra.

⁴ NASSER, David. “Marcado por Perón” in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 30/9/1950, p. 26 (Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp-SP)

Isso explica porque o número de títulos disponíveis nas bancas era bem maior do que o atual. No ano de 1950, por exemplo, existiam vinte e dois diários apenas na cidade do Rio de Janeiro (ABREU, 2008, p. 214).

Foi essa imprensa plural e fragmentada que atuou como um dos principais atores políticos da época. Longe de serem mero reflexo da realidade, os jornais veicularam idéias e representações políticas que não apenas construíram um imaginário, mas influenciaram diretamente as ações políticas. A tal ponto de um observador “externo”, o embaixador da Argentina no Brasil, afirmar que era justamente a imprensa quem mandava no país naquele momento.

II) Breve bibliografia comentada

A historiografia das relações entre Brasil e Argentina durante o peronismo não é rarefeita. Estudos como os de Iuri Cavlak (2008) e Daniella Xavier Santos (1991) desvendaram, com grande acuidade, as aproximações e distanciamentos diplomáticos entre os dois países. Estes autores, porém, não tiveram como objetivo analisar a repercussão da política interna argentina no Brasil e tampouco utilizaram a imprensa como fonte principal. Seu foco está principalmente nas relações internacionais e no modo como elas foram conduzidas pelos diferentes corpos diplomáticos.

Há, por outro lado, dois estudos que investigaram as representações do peronismo projetadas pelos meios de comunicação brasileiros. No primeiro deles, Ana Luiza Setti Reckziegel (1996) notou que a imprensa conservadora, especialmente o jornal carioca *Tribuna da Imprensa*, foi decisiva para o antiargentinismo da opinião pública no escândalo envolvendo o pacto ABC. Já o livro de Paulo Renan de Almeida (1998), sobrinho-neto do embaixador do Brasil na Argentina, João Baptista Lusardo, analisou a cobertura de vários jornais cariocas durante a crise do pacto ABC e concluiu que esses meios de comunicação dificultaram relações mais próximas com o país vizinho ao distorcer e mentir sobre diversos aspectos do episódio.

Outra investigação foi realizada por Marcelo Fernando Gonzalez da Costa (2004), que analisou a repercussão da política externa do primeiro mandato de Perón (1946-1952) em dois jornais conservadores de Porto Alegre, *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*. De acordo com o pesquisador, existiram três fases de percepções da imprensa gaúcha em relação à política externa argentina.

Na primeira, de maio de 1946 a fevereiro de 1947, Perón sofreu críticas por ter feito parte do grupo que governou a Argentina entre 1943 e 1946. Os jornais do Rio Grande do Sul acreditavam inicialmente que seu governo era mera continuidade do GOU (Grupo de Oficiais Unidos). A partir de 1947, porém, surgiu uma “percepção política positiva” que teve seu ápice no encontro entre Dutra, Perón e Evita na cidade gaúcha de Uruguaiana em maio daquele ano. Nesse momento, os termos utilizados pelos jornalistas claramente mudaram. De “Hitler sul-americano” e “ditador argentino”, Perón passou a ser chamado em algumas ocasiões de “grande líder sul-americano”. Finalmente, o terceiro período (maio de 1948 a 1952) foi marcado pelo recrudescimento das críticas, marcadas, em sua maioria, pela oposição dos jornalistas brasileiros à repressão feita aos meios de comunicação no país vizinho. Para Gonzalez da Costa, “as representações da política externa argentina ficaram “contaminadas” com as repercussões de uma política interna repressiva e autoritária” (COSTA, 2004, p. 152).

III. Objetivos e escopo da pesquisa

Sem desconsiderar os grandes avanços obtidos nas pesquisas citadas, este trabalho pretende lançar luz sobre um aspecto que a historiografia ainda não estudou em sua complexidade: as múltiplas representações sobre o peronismo produzidas pela imprensa brasileira entre 1951 e 1955.

Interessa-nos, especificamente, responder às seguintes questões: Como aconteceram os debates dos jornais a respeito do governo Perón? Por que, principalmente nos jornais liberais, o antiperonismo predominou? Quais representações sobre o governo Perón foram mais acionadas no jogo político nacional? Que interesses havia por trás disso? Como o imaginário sobre Perón esteve relacionado ao antivarguismo existente na época? Qual a relação entre ações e representações políticas no caso do peronismo?

Para isso, analisaremos não apenas os diários contrários a Perón, como *Tribuna da Imprensa e O Estado de S. Paulo*, mas também os favoráveis, como os jornais trabalhistas *O Radical* e *Última Hora* e o periódico comunista *Imprensa Popular*. Também foram selecionadas duas revistas semanais ilustradas: *O Cruzeiro*, contrária a

Perón, e *Mundo Ilustrado*, a favor. Dessa forma, buscaremos entender a pluralidade de representações políticas a respeito do peronismo existentes na sociedade da época.

O recorte temporal da pesquisa (1951-1955) foi pensado de acordo com concomitância entre os dois líderes no poder. Vargas assumiu a presidência pela segunda vez em janeiro de 1951. À época, Perón se aproximava do final do seu primeiro mandato e ainda não estava viúvo de Eva Perón. Nos quatro anos seguintes, Vargas e Perón governaram seus respectivos países. Embora não tenham se encontrado pessoalmente, as relações políticas entre as duas nações eram constantes e objeto de constantes e importantes controvérsias.

IV) Bibliografia

a) Sobre história argentina e o período peronista

- ALMEIDA, Paulo Renan de. *Perón – Vargas – Ibáñez. Pacto ABC: raízes do Mercosul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- ALMEIDA, B. Hamilton. *Sob os olhos de Perón: o Brasil de Vargas e as relações com a Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo, Humanitas/História Social-USP, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em Cena: Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo*. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CAVLAK, Iuri. *A política externa brasileira e a Argentina Peronista (1946-1955)*. São Paulo, Annablume, 2008.
- COSTA, Marcelo Fernandes González da. *As repercussões da política externa Argentina no primeiro Governo Perón (1946-1952) na imprensa Sul-Rio-Grandense*. Dissertação de mestrado, São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2004.
- FAUTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. 2. ed. São Paulo: Editoria 34, 2005.
- FIORUCCI, F. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas y Perón. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 15, n° 2, jul.-dez. 2004. p. 1-2. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005.
- GARCÍA SEBASTIANI, M. *Los antiperonistas en la Argentina peronista: radicales y socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

- MIRANDA, Mario Ângelo Brandão de Oliveira. “A deposição de Juan Perón e sua repercussão no ambiente político das eleições presidenciais brasileiras de 1955”. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História - História e ética*, Fortaleza, 2009.
- NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de Antropologia Social e Cultural*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- PLOTKIN, M. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-55)*. Buenos Aires: Ariel, 1993.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. *O populismo na América Latina*. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- _____ (org.). *Vargas & Perón: aproximações e perspectivas*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza. *O Pacto ABC: As Relações Brasil-Argentina na Década de 1950*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.
- REICHEL, H. J. “Sob os olhos da águia: imagens da Argentina peronista na imprensa brasileira dos primeiros anos da guerra-fria (1946-1955)”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 7, p. 57-82, 2008. Disponível em http://www.anphlac.org/periodicos/revista/revista7/3-Sob_os_olhos_da_aguia.pdf . Acesso em 07/01/2010.
- ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Tradução: Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SANTOS, Daniella Xavier. *Vargas e Perón: A Política Externa do Brasil para a Argentina na Primeira Metade da Década de 1950*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 1991.
- SIRVÉN, Pablo. *Perón y los medios de comunicación (1943-1955)*. Buenos Aires: Ceal, 1984.
- SOARES, Gabriela Pellegrino; COLOMBO, Sylvia; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.); *Reflexões sobre a Democracia na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

b) Sobre imprensa

- ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- _____. “Revisitando os anos 1950 através da imprensa”. In: BOTELHO, André. *O moderno em questão. A década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2008.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

- _____. *Os Intérpretes das Luzes: Liberalismo e Imprensa Paulista (1920-1945)*. Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, USP, 1986.
- _____. “Imprensa na República: uma instituição pública e privada”. In: SILVA, F.T. da S.; NAXARA, M.R.C.; CAMILOTTI, V.C. (orgs.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003.
- _____ e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino - Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. SP, Alfa-Omega, 1980
- DUARTE, Paulo. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1973.
- GOLDENSTEIN, Gisela. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo, Summus, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. “Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa”. In: MARCONDES Filho, Ciro (org). *Imprensa e capitalismo*. São Paulo, Kairós, 1984.
- LACERDA, Carlos. *A Missão da imprensa*. Rio de Janeiro: Agir, 1950.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- PORTO, Sérgio D. (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2002.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- SIQUEIRA, C. “Sensacionalismo e retórica política em *Última Hora, O Dia e Luta Democrática* no segundo governo Vargas (1951-1954)”. In: NEVES, L. M. B. P.; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A:Faperj, 2006.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora : a influencia americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª. edição atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

c) Assuntos diversos

- ARAÚJO, Maria Celina Soares d'. *O Segundo Governo Vargas, 1951-1954*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, v. 5.
- BOITO JR., Armando. *O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- FERREIRA, Jorge (Org.) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- _____. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- GOMES, Ângela de Castro. *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1994.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. São Paulo: Códex, 2002, 2ª. edição.
- MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002.